

UMA ANÁLISE DA CULTURA E DAS IDENTIDADES A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO *BABIES*

Bárbara Jucinsky Schmitt¹ (Feevale)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma breve análise de questões culturais e de identidade a partir do documentário *Babies* (2010). O documentário busca focar os primeiros doze meses de vida de quatro crianças, que são originárias da Namíbia, Japão, Estados Unidos e Mongólia e desta forma, acaba por mostrar de que maneira o meio cultural em que a criança vive interfere na construção de sua identidade. Gastón Bachelard, Homi Bhabha, Stuart Hall e Tomaz Tadeu da Silva foram os autores utilizados para a análise das questões identitárias e culturais.

Palavras-chave: Documentário *Babies*. Cultura. Identidade. Primeira Infância.

1 INTRODUÇÃO

O documentário *Babies* foi dirigido por Thomas Balmès, criado a partir da ideia do produtor, diretor e ator francês Alain Chabat. Este documentário foi lançado no ano de 2010, pela produtora NBC.

Esta narrativa fílmica retrata a história de quatro crianças em seus primeiros anos de vida e de que maneira as diferenças culturais são refletidas na formação de uma criança.

O registro das imagens é feito de forma bastante simples, sem narração, sem legendas, depoimentos ou qualquer forma de contextualização histórica, geográfica, social ou antropológica. Não são mostradas interferências realizadas pelo diretor ou equipe de filmagem e em alguns momentos isto acaba trazendo uma situação de desconforto, pois

¹ Mestranda do Curso Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale, email bajucinsky@yahoo.com.br

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



aparecem circunstâncias onde as crianças colocam-se em risco físico. Os adultos aparecem nas cenas, mas sempre o destaque é dado para as crianças nas cenas.

O diretor acompanha estas crianças desde o seu nascimento, mostrando deste o período final da gestação as diferenças culturais existentes.

As crianças retratadas são de diferentes locais. Uma destas crianças é Ponijao. Uma menina integrante do grupo étnico Himba, membro de uma família com oito irmãos, que vive em Opuwo, na Namíbia, com a família e outras famílias de seu mesmo grupo étnico em um vilarejo. Mari, uma menina que é filha única e vive com seus pais em Shibuya, cidade na região metropolitana de Tóquio, no Japão. Bayarjargal, mais chamado pelo apelido Bayar, que vive com os pais e o irmão mais velho em uma pequena fazenda no distrito de Bayanchandmani, na Mongólia. E a menina Hattie, filha única, que vive com seus pais, descritos pelo site² do documentário como sendo pessoas que possuem uma atitude ecologicamente correta, em São Francisco, nos Estados Unidos.

O documentário se mostra interessante pelo fato de não procurar estabelecer diferenças entre as culturas, ou destacar locais mais pobres ou ricos, mas sim, por mostrar que as crianças desenvolvem-se de formas semelhantes, mostra como todos são parecidos e que vão aos poucos sendo moldados a partir das questões culturais do contexto que estão inseridas.



Figura 1 – Ponijao
FONTE: BALMÈS, 2010

² <http://www.focusfeatures.com/babies> Acesso em 30/6/13.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Figura 2 - Mari
FONTE: BALMÈS, 2010



Figura 3 – Hattie
FONTE: BALMÈS, 2010



Figura 4 - Bayar
Fonte: BALMÈS, 2010

O fato de não possuir diálogos, faz com que a trilha sonora seja de extrema importância para a construção do documentário. Torna a recepção do filme agradável, fazendo com que ocorra uma “aproximação” do espectador com os protagonistas, elas parecem integrantes do dia a dia das crianças, sem deixar com que o filme caia no sentimentalismo.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



2 DESENVOLVIMENTO

O documentário, em suas primeiras imagens, tem suas imagens organizadas de forma que o espectador possa conhecer, ou reconhecer, os espaços onde as quatro histórias do filme se passam, para depois, com o uso de imagens e de uma breve legenda, “encaminhar” a pessoa que assiste aos documentários para a história de cada criança.

Segundo Gardies,

A primeira função da montagem é fornecer um suplemento de sentido às imagens, cujo mero conteúdo não poderia dar este sentido. A associação dos planos permite ligar as situações, reunir ou separar elementos, articular numa determinada continuidade aquilo que, sem esta operação de montagem, seria apenas visto como isolado. O simples facto de cortar e, depois, reunir permite efeitos de sentido tanto mais ricos quanto se multiplicam ou se cruzam, se correspondem à medida que o filme avança. (GARDIES, P. 35, 2007).

Podemos observar que esta narrativa fílmica foi construída de forma que somente as crianças ganhassem destaque, os pais, bem como outros adultos, aparecem, mas como coadjuvantes, já que as “estrelas” são as crianças. a forma com a qual a montagem foi realizada mostra isto. Mesmo em situações em que a criança aparentemente corre riscos, os adultos não são mostrados, pois o objetivo da narrativa é mostrar a criança percebendo o mundo ao seu redor e os adultos fazem parte deste mundo à ser reconhecido.

As imagens foram montadas dando uma ideia de ligação entre os acontecimentos vividos pelas crianças, mostrando que os primeiros momentos da vida das crianças e suas descobertas são parecidas nas mais distantes e diversas localidades do mundo.

O modo como o documentário foi construído, mostrando uma associação de planos fechados e abertos³, é de extrema importância para que o espectador se sinta mais próximo das personagens, quase como se estivesse assistindo os fatos no momento em que eles realmente ocorreram.

³ Gardies afirma que os planos são fragmentos espaço-temporais. Assim como, afirma que ao produzir os enquadramentos se delimita e constrói um espaço visual, espaço este que é o espaço da representação. Para o autor, enquadrar é, antes de tudo, excluir e incluir.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Também, a partir da maneira com a qual a narrativa fílmica foi construída, é possível perceber o olhar do diretor, um ocidental, um olhar que busca produzir um registro da alteridade. É evidente com o decorrer do filme, que Ponijao, a menina da Namíbia, Mari, a menina japonesa e Bayar, o menino da Mongólia, recebem um destaque muito maior do que Hattie, a menina norte-americana. Sendo o diretor europeu, ele acaba por mostrar dar maior enfoque as realidades que lhe causam maior estranhamento.

Culturalmente diferentes, as famílias retratadas nesta obra, promovem práticas diferenciadas no que se trata da relação pai e filho, bem como na relação com espaço onde vivem na forma com a qual ocorre o parto, na relação com os animais que a família possui, nos cuidados relativos à higiene e assim como, é diferenciada a forma com a qual as crianças descobrem o mundo onde vivem.

Kathryn Woodward (2000) afirma que as identidades surgem através da marcação das diferenças, para que existam as identidades também devem existir as diferenças, somente desta maneira pode haver o Eu e o Outro.

Ao mostrar as diferentes realidades, não há nesta narrativa fílmica o intuito de mostrar que dada cultura é superior ou inferior a outra, ou que determinada realidade seja melhor ou pior, mas sim, pretende mostrar que desenvolvimento infantil se dá de forma similar nos mais variados espaços. Independente das culturas nas quais as crianças estão inseridas, elas estão passando pelo mesmo processo de descoberta, de desenvolvimento. Cada criança, a sua maneira, está realizando um “mapeamento” do espaço em que habita, se familiarizando às pessoas com as quais vive, reconhecendo seus familiares e aprendendo a conviver dentro da coletividade.

Obviamente, cada uma das crianças que tiveram sua história de vida apresentada nesta obra, se depararam com realidades diferentes, realidades estas que impactarão sobre seu desenvolvimento cultural e identitário, na sua construção como sujeitos.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Em seu livro *Da Diáspora*, Stuart Hall afirma,

Todos os termos da identidade dependem do estabelecimento de limites – definindo o que são em relação ao que não são. “Não se pode afirmar uma identidade diferencial sem distingui-la de um contexto, e no processo de fazer a distinção, afirma-se o contexto simultaneamente.” (Laclau, 1996). As identidades, portanto são construídas no interior das relações de poder (Foucault, 1986). Toda identidade é fundada sobre uma exclusão, nesse sentido, é “um efeito do poder”. Deve haver algo “exterior” a uma identidade (Laclau E Mouffe, 1985; Butler, 1993). Esse “exterior” é constituído por todos os outros termos do sistema, cuja “ausência” ou falta é constitutiva de sua presença. (Hall, 1996). “Sou um sujeito precisamente porque não posso ser uma consciência absoluta, porque algo constitutivamente estranho me confronta”. Cada identidade portanto, é *radicalmente insuficiente* em termos de seus “outros”. Isso significa que o universal é parte de minha identidade tanto quanto sou perpassado por uma falta constitutiva.” (Laclau, 1996). (HALL, p. 85, 2009)

É possível perceber através do documentário a influência que o meio em que criança vive interfere em sua construção identitária. O fato de não ser de um jeito, torna a pessoa o indivíduo que ela é. A criança, conforme mostrado no filme, esta se constituindo como pessoa a partir do meio em que ela está inserida e o fato de estar em um grupo a faz diferente dos outros. Cada uma se constrói culturalmente não apenas por fazer parte de um grupo cultural, mas pelo fato de não se assemelhar à outro grupo. Aí é que se localiza a questão do estabelecimento do limite do “ser o que é, daquilo que não se é”.

A forma com a qual as crianças estão se constituindo culturalmente é evidenciada nesta narrativa fílmica e dentro de muitas situações mostradas no decorrer do documentário, algumas recebem destaque, como a forma com que as crianças prestam atenção nas atividades realizadas pelos adultos, bem como a atenção que estes adultos dispensam para com as crianças. As crianças procuram imitar o comportamento dos adultos, como também tentam imitar a forma com a qual os adultos se comunicam verbalmente.

Chama atenção a maneira que a rotina das famílias interfere na criação das crianças.

Na Namíbia, as crianças acompanham suas mães em suas atividades diárias. As mães amamentam as crianças durante as atividades que exercem, procurando sempre dar atenção às crianças. No Japão, sempre que possível, os pais aparecem realizando atividades

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



diversas com a filha, mesmo que trabalhem muito. Embora apareça uma situação em que a criança brinca no chão e um adulto está junto e presta mais atenção ao aparelho de televisão do que à criança, ao que indica este adulto é o avô da menina. Como os pais precisam trabalhar, a menina Mari aparece em situações na escola. Nos Estados Unidos, a menina Hattie, aparece na maioria das vezes acompanhada pelos pais, Já o menino mongol, Bayar, aparece em muitas situações sozinho, acompanhado apenas pelo irmão pequeno, que tem apenas três anos, já que os pais trabalham o dia todo em sua fazenda e não podem levar as crianças pequenas junto. Bayar aparece na cama deitado, quando começa a engatinhar os pais o matem amarrado por uma corda na cama para que não fuja.

O banho das crianças também recebe destaque. Enquanto Hattie, nos EUA, toma banho em um chuveiro com seu pai, na Namíbia, a mãe de Ponijao a limpa com a boca, lambem o que a menina tem de sujeira no rosto. Na Mongólia, Bayar é banhado pela mãe, com o auxílio do irmão, em uma bacia, depois a mãe coloca seu leite nos rosto do menino para terminar o banho. Cabe ressaltar que não aparecem situações onde a menina japonesa apareça no banho.



Figura 4 – O Banho de Hattie
FONTE: BALMÈS, 2010

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Figura 5 – O Banho de Ponijao
FONTE: BALMÈS, 2010



Figura 5 – O Banho de Bayar
FONTE: BALMÈS, 2010

Os pais mostram-se zelosos, o relato sobre o dia-a-dia das crianças não é posto neste trabalho como um juízo de valores, mas sim para destacar como cada família pode cuidar de suas crianças, dentro de suas possibilidades.

Nesta narrativa fílmica os diálogos não recebem destaque. Eles existem, mas como os protagonistas são os bebês, os diálogos que ocorrem não são legendados.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Sons audiovisuais⁴ diversos são apresentados neste documentário. Os extradiegéticos ou sons fora-de-campo, aparecem em algumas situações, através da trilha sonora. Já os sons diegéticos ou sons ambiente, como o barulho dos animais, das ferramentas de trabalho, da televisão, da cidade, entre outros ocorrem de forma constante.

Os espaços que estas crianças habitam recebem destaque no documentário, sendo o principal espaço o da casa. Sendo um pouco diferente a situação do grupo familiar residente na Namíbia onde praticamente todas as atividades são realizadas em grupo, sendo assim o espaço de vivência da menina Ponijao acaba sendo exterior, um espaço de convivência coletivo.

Conforme Gastón Bachelard, a casa é nosso primeiro canto no mundo, é como se ela fosse nosso primeiro universo.

Assim, contemplando o ninho, estamos na origem de uma confiança no mundo, recebemos um aceno de confiança, um apelo à confiança cósmica. O pássaro construiria seu ninho se não tivesse seu instinto de confiança no mundo? Se escutarmos esse apelo, se fizermos desse abrigo precário que é o ninho – paradoxalmente, sem dúvida, mas sob o próprio impulso da imaginação – um refúgio absoluto, voltaremos às fontes da casa onírica. Nossa casa, captada em seu poder de onirismo, é um ninho no mundo. Nela viveremos com uma confiança nativa se de fato participarmos, em nossos sonhos, da segurança da primeira morada. Para vivermos essa confiança tão profundamente integrada em nosso sono, não temos a necessidade de enumerar razões materiais de confiança. Tanto o ninho como a casa onírica e tanto a casa onírica como o ninho – se é que estamos na origem de nossos sonhos – não conhecem a hostilidade do mundo. A vida começa para o homem com um sono tranquilo e todos os ovos dos ninhos são bem chocados. A experiência da hostilidade do mundo – e consequentemente nossos sonhos de defesa e de agressividade – são posteriores. Em seu germe, toda a vida é bem-estar. O ser começa pelo bem-estar. Em sua contemplação do ninho, o filósofo tranquiliza-se seguindo uma meditação de seu ser no ser tranquilo do mundo. Traduzindo então na linguagem dos metafísicos de hoje a absoluta ingenuidade de seu devaneio, o sonhador pode dizer: o mundo é o ninho do homem. (BACHELARD, p. 115-116, 1993).

⁴ Segundo Gardies os sons audiovisuais são divididos em diálogos, músicas e ruídos. Para o autor os sons audiovisuais podem estar localizados internamente ou externamente nas cenas, com o auxílio destes sons é possível analisar um filme e esta análise ocorrerá de forma particular, tendo em vista a fisiologia, a memória de sons e contexto em que cada pessoa está inserida.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



O autor compara a casa ao ninho, espaço de segurança, um refúgio, onde podemos estar protegidos de todas as hostilidades do mundo. As crianças, protagonistas deste documentário, podem ser associadas ao filhote do passarinho, na segurança do ninho. Neste espaço, podem se desenvolver, se formar, estão protegidas pelo núcleo familiar. As crianças não demonstram medo, fazem as coisas sem se preocupar com possíveis perigos, até mesmo porque os desconhecem. Conforme a citação anterior, não há medo das hostilidades do mundo. Estes bebês estão conhecendo o mundo, o lar, sua primeira morada, é um espaço no qual tem a liberdade para as descobertas, nele estão protegidos. O mundo que eles conhecem não oferece perigos.

Ao analisar obras como esta que apresentam pessoas diferentes, com culturas diferentes, situações econômicas desiguais, é necessário o cuidado para não cair no uso de estereótipos que tendem a posicionar determinadas culturas como sendo superiores a outras.

De acordo com Homi Bhabha,

O estereótipo é um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório, ansioso na mesma proporção em que é afirmativo, exigindo não apenas que ampliemos nossos objetivos críticos e políticos, mas mudemos o próprio objeto de análise. A diferença de outras culturas se distingue do excesso de significação ou da trajetória do desejo. Estas são estratégias teóricas que são necessárias para combater o “etnocentrismo”, mas não podem, por si mesmas, sem serem reconstruídas, representar aquela alteridade. (BHABHA, p. 110, 2000)

É necessário que cuidemos para não sermos preconceituosos na realização das análises, já que aos nossos olhos ocidentais determinadas cenas do filme nos causam estranhamento, como quando aparece uma montagem que remete às crianças engatinhando. Enquanto as meninas Hattie e Mari estão em espaços fechados, Ponijao engatinha em meio do deserto e Bayar engatinha no gramado, somente de camiseta, ao lado dos animais. Como também quando o irmão maior de Bayar o leva dormindo, dentro do carrinho de bebê, e o deixa sozinho em meio aos animais. Aos nossos olhos situações como estas chamam mais a atenção do que as reuniões familiares ou as brincadeiras das crianças.

3 CONCLUSÃO



Figura 6 – A porta
Fonte: BALMÈS, 2010

A Porta! A porta é todo um cosmos do Entreaberto. É no mínimo uma imagem-princeps dele, a própria origem de um devaneio onde se acumulam desejos e tentações, a tentação de abrir o ser no seu âmago, o desejo de conquistar todos os seres reticentes. A porta esquematiza duas possibilidades fortes, que classificam claramente dois tipos de devaneio. Às vezes ela está bem fechada, aferrolhada, fechada com um cadeado. Às vezes ela está aberta, isto é, escancarada. [...] Ramón Gómez de La Serna escreveu: “as portas que se abrem para o campo parecem proporcionar uma liberdade à revelia do mundo.” (BACHELARD, p. 225-227)

A citação de Bachelard pode ser associada a todo conteúdo do documentário *Babies*, já que esta é uma narrativa fílmica sobre o início da vida de um ser humano, momento de abertura de portas, de descobertas. A criança está conhecendo o mundo. Assim como Bayar, na porta de sua casa, estão as crianças frente ao mundo que as espera.

Este trabalho procurou evidenciar de que forma as diferenças culturais, bem como as identidades, podem ser mostradas a partir de um documentário construído sem falas, evidenciando o primeiro ano de vida de um bebê.

Engatinhar, conseguir ficar de pé com a força das próprias pernas, correr, dançar, subir degraus, pular, perceber até onde o braço alcança e o que a mão consegue pegar. Independente do local do mundo em que as crianças retratadas neste documentário vivem, todas elas estão passando pelo mesmo processo de descoberta do mundo. O

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



reconhecimento do corpo, da família, da linguagem, entre tantas outras coisas novas que são apresentadas para elas.

A curiosidade está presente no ser humano desde o início de suas vidas. É interessante observar, que mesmo que cada grupo representado no filme fale um idioma diferente, todas as crianças produzem seus primeiros sons de forma parecida. Buscam repetir aquilo que vem os mais velhos falando, como também tentam repetir o gestual dos adultos e suas atividades de trabalho.

Seja na África, na América ou na Ásia as primeiras palavras balbuciadas pelas crianças são as mesmas, aquelas que remetem aos que lhes deram a vida, embora saibamos que pai e mãe não são somente os biológicos, mas o caso do documentário são aquelas pessoas que dão a sensação de segurança para as crianças, que são sua referência de mundo, das quais se percebem como extensões, as primeiras palavras de todos os bebês foram mama e papa.

Ponijao, Mari, Hattie e Bayar estão se desenvolvendo fisiologicamente e aos mesmo tempo estão se desenvolvendo culturalmente, cada um dentro da realidade que lhe é apresentada. Para cada grupo a alimentação, o idioma, a relação com espaço habitado e com a coletividade, as vestimentas, entre outras coisas, são diferentes. Cada criança está se constituindo como sujeito dentro da cultura em que está inserida.

REFERÊNCIAS

BABIES. Direção: Thomas Balmès. [S.l.]: Focus Features, 2010. 1 DVD (79 min). NTSC, color.

BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

BACHELARD, Gastón. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GARDIES, René. *Compreender o Cinema e as Imagens*. Lisboa: Texto & Grafia, 2007.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.